

Jornal

SINPRONNF

**SINDICATO DOS
PROFESSORES
DO NORTE NOROESTE FLUMINENSE**

<https://sinpronnf.com.br>
Nº 020 Ano V – 3º Trimestre 2019
ISSN 24477281



00020

O que vc prefere ter
peito ou bunda?
Cérebro, pq nunca cai



@euler_nutricionista

JORNAL DO SINPRONNF (ISSN 24477281)

*** EDITOR CHEFE**

Job Tolentino Junior
(SECRETARIA DE RELAÇÕES POLÍTICAS SINDICAIS E ASSUNTOS JURÍDICOS/TRABALHISTAS)

*** EQUIPE DE PRODUÇÃO**

Claudina de Paula Dias Gomes; Wilza Carla de Sá Oliveira; Ana Karina Mendonça de Souza
(SECRETARIA DE ASSUNTOS EDUCACIONAIS, CULTURAIS, DIVULGAÇÃO E IMPRENSA)

Jacimar Fazollo Méra (SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO)

Estamos filiados a:

Feteerj
Federação dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino no Estado do Rio de Janeiro

contee
Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino

CUT BRASIL
CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES

SUMÁRIO

Página 01:
- SUMÁRIO

Página 02:
- PALESTRA MALVINA TUTTMAN – ITAPERUNA
- EDITORIAL

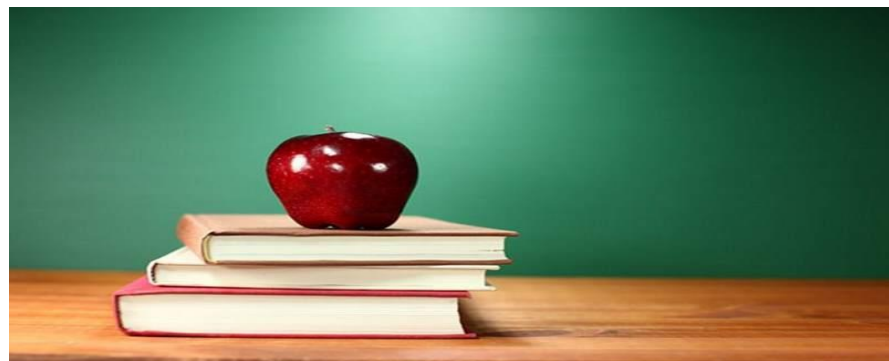
Página 03:
- CARTA ABERTA A ABRAHAM WEINTRAUB, MINISTRO DA EDUCAÇÃO
- LIBERDADE PARA ENSINAR E APRENDER

Página 05:
- O QUE ESTÁ POR TRÁS DA GUERRA CONTRA A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”
- EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM COMA INDUZIDO

Página 06:
- O DOM DE MOTIVAR NA ARTE DE EDUCAR

Página 07:
- O COMPLEXO DE VIRA-LATAS





EDITORIAL
A RESISTÊNCIA NOSSA DE CADA DIA

O SINPRO NNF, em parceria com o Conselho Municipal de Educação de Itaperuna e apoio da Uni-Redentor teve a felicidade de poder patrocinar um momento ímpar a educadores do Norte e Noroeste Fluminense no dia 15 de agosto último, com presença da Presidente do Conselho Estadual de Educação, Prof^a Malvina Tuttman, para debater a Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

Debater a BNCC após a mesma ter se tornado lei pode parecer algo inócuo para desavisados, mas na verdade essa é uma ação necessária para os educadores que já perceberam que nosso momento histórico é de resistência pela educação, uma vez que o anseio por educação de qualidade, por educação para a cidadania e para a humanização é intrínseco ao ser educador.

Com um olhar mais cuidadoso é fácil perceber que os ataques à educação não estão ‘apenas’ no campo financeiro, mas para além dele, trazem um conjunto de ações que, a não nos dispormos para a resistência, nos imporão perdas irreparáveis em médio prazo. Daí a necessidade de debatermos questões polêmicas que permeiam a BNCC, o descaso/descumprimento da Lei N° 13.005 - Plano Nacional de Educação, os cortes orçamentários, entre outros.

Ouvir a Prof^a Malvina lembrando trechos do filme *O Pianista* para uma reflexão de que resistir é o ato que justifica a vida, inspira-nos e joga luz sobre nossas angústias, ajudando-nos a entender ainda mais o nosso papel social. O Brasil precisa de forma premente de mentes que se disponham a pensar ações que ajudem a, se não a reverter, a amenizar estragos que estamos testemunhando e vivenciando nesses últimos dias. Nossa nação não merece esse nosso momento!

Quando olhamos para o rasgar da Constituição nos trechos de política de proteção social; do rasgar das leis de proteção dos trabalhadores; para a ‘política’ de entrega e dilapidação do patrimônio brasileiro – leilões/doações do pré-sal, de estatais e etc; para a ‘legalização’ da destruição ambiental – vide exemplo do aumento absurdo das chamadas na Amazônia; para o silêncio de instituições que, se fossem sérias, deveriam levantar-se contra o status quo e não o fazem; ouvir voz como a da Prof^a Malvina deve nos encorajar.

Para além do caos e por conta do caos devemos como crédulos no poder da educação aprender a fazer o dever de casa no que diz respeito ao exercício da resistência. O pior cenário para a existência humana é o que inclui apatia e/ou desesperança. Por não abrimos mão de conjugar o verbo esperar é que seguiremos r e s i s t i n d o. Por nós e pelo nosso país.

Claudina de Paula Dias Gomes
SECRETARIA DE ASSUNTOS EDUCACIONAIS, CULTURAIS,
DIVULGAÇÃO E IMPRENSA

15 DE AGOSTO DE 2019
SINPRONNF
PALESTRA MALVINA TUTTMAN – ITAPERUNA



CARTA ABERTA A ABRAHAM WEINTRAUB, MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Caro ministro,

Em entrevista recente ao jornal Estado de São Paulo o senhor afirmou, entre outras coisas, que as universidades brasileiras têm “muito desperdício” relacionado a “politicagem, ideologização e balbúrdia”, que algumas “têm Cracolândia”, que no Brasil “todo mundo quer uma bolsinha” e, finalmente, que seu filho estudaria em Portugal, ou no Chile, ou “fora do Brasil”, mas “na federal de Minas é que não vai”.

Ao ouvir acusações e críticas tão sérias quanto essas, poderia-se imaginar que o senhor teria diversos exemplos de malversação de bolsas e pedras de crack pra mostrar, mas qual não é a nossa surpresa ao descobrir que o número de vezes que o senhor visitou alguma universidade pública enquanto ministro é... zero! Nenhuma vez! Onde apenas resta concluir que o senhor – o ministro da educação mais ignorante em universidades da história do Brasil – só as conhece pelos escritos do “guru” Olavo de Carvalho, que visita as universidades brasileiras na mesma frequência que o senhor.

Ao dizer que todos queremos “uma bolsinha”, não pense que não percebemos sua intenção de passar à população a imagem de que somos uns “encostados” em busca da proverbial “boquinha”. O Brasil hoje é o 14º maior produtor de conhecimento do mundo, com cerca de 80 mil artigos publicados apenas no ano passado e mais de 10 milhões de citações a nós desde 1996. A maioria esmagadora de todo esse trabalho só foi possível graças às agências de fomento, entre elas o CNPq e a CAPES. Nos diga uma coisa, ministro: de onde você acha que veio a viabilidade do pré-sal? Nosso programa de vacinas? A conexão entre o vírus da zika e a microcefalia? O senhor acha que essas coisas “caíram do céu”? Pois nós estamos aqui pra te dizer que, em vez de praticar “doutrinação comunista” (ou qualquer bobagem que o valha), estamos trabalhando para que mais desses avanços se materializem e beneficiem a população brasileira.

Finalmente, com relação a estudar ou não na Universidade Federal de Minas Gerais, essa é uma decisão que cabe apenas ao senhor e seu filho. Por outro lado, o senhor deveria saber que, de acordo com o ranking do Times Higher Education, enquanto o Chile tem 8 universidades entre as 1000 melhores do mundo e Portugal tem 13, o Brasil tem 15 (e, entre elas, a UFMG). Assim sendo, desdenhar da universidade pública brasileira tem pouco a ver com números e muito a ver com uma severa síndrome de vira-lata que infelizmente aflige membros importantes do governo Bolsonaro.

Ou seja, ministro: quando tiver uma oportunidade de ficar calado, aproveite-a. E trabalhe.

Atenciosamente,
Felipe Rosa, diretor da AdUFRJ
e vice-presidente eleito

* Repliquem, por favor, esta carta. Não é possível que o discurso desse mentiroso contumaz que é Ministro da Educação passe sem contraponto.

Os professores universitários serão apedrejados nas ruas sob o canto dos cristãos hipócritas desse país!

Autor: Felipe Rosa <frosa@ifufrj.br> (diretor da AdUFRJ)
(publicado em 24/09/19)

Disponível em: <http://desacato.info/carta-aberta-ao-ministro-da-educacao-abraham-weintraub/>

LIBERDADE PARA ENSINAR E APRENDER

Quando um pequeno, porém ruidoso grupo ocupou uma praça em frente ao tradicional **Colégio Rosário**, em Porto Alegre, no início de agosto, para protestar contra o que chamaram de doutrinação no ensino, uma informação divulgada pela própria escola deixou claro o que estava acontecendo. Do grupo – cerca de 30 pessoas –, apenas dois eram pais de alunos daquela comunidade escolar. O restante era ligado a movimentos como o **Escola Sem Partido**. Apesar do nome, os manifestantes eram liderados por dois deputados estaduais, Eric Lins (DEM) e Luciano Zucco (PSL), e ainda pela vereadora eleita pelo MDB, Comandante Nádia, que hoje ocupa uma Secretaria na Prefeitura de Porto Alegre. O motivo da manifestação foi uma briga entre estudantes e resultou na expulsão de três adolescentes e na demissão de um professor.

Desde a eleição presidencial, no ano passado, a tensão se instalou nos ambientes escolares e na sociedade como um todo. “O processo eleitoral abriu a possibilidade de um determinado grupo começar a interagir de forma muito agressiva e ruidosa. Trouxe de volta a discussão da escola sem partido que é, de fato, para quem defende escola com partido, partido de direita, que não quer aceitar a discussão e a diversidade”, alerta a professora Cecília Farias, diretora do **Sinpro/RS** e coordenadora do **Núcleo de Apoio ao Professor (NAP)**.

Três grandes escolas de Porto Alegre registraram em 2018 conflitos provocados por um grupo disposto a cercar a liberdade de ensinar e de aprender. Tudo se acirrou quando, no primeiro dia de aula depois do segundo turno eleitoral, alguns alunos do ensino médio do Colégio Rosário foram para a aula vestidos de preto, para marcar o descontentamento com o resultado das urnas. Na hora do recreio, fizeram uma movimentação. “Os pais de direita ficaram indignados. Aí reagiram de uma forma muito agressiva, tentando colocar a responsabilidade nos professores. Mas nem sabiam que tinha sido uma iniciativa dos próprios alunos, pelas redes sociais”, assinala Cecília. No outro dia, alguns alunos do ensino fundamental foram para a aula com roupas em verde e amarelo e não foram reprimidos por isso, lembra.

Como a cada ação corresponde uma reação, logo surgiu um movimento de pais dispostos a manter um ambiente democrático dentro das escolas. “Nós nos organizamos em defesa de nossos filhos. Quando eles fizeram a manifestação (*indo para a escola de preto*), foram expostos nas redes sociais pelos defensores do dito projeto *Escola sem Partido*, na minha opinião, de pensamento único e de extrema-direita”, relata a socióloga e especialista em segurança e prevenção da violência Aline Kerber. Ela é mãe de um estudante do Rosário e presidente da Associação Mães e Pais pela Democracia.

“Iniciamos com um grupo de 30 pessoas diretamente envolvidas na constituição da Associação, a partir da organização de aproximadamente 200 pais do Rosário em um grupo de WhatsApp. Hoje somos mais de 6 mil pessoas oriundas de 70 escolas públicas e privadas”, diz Aline.

A Associação está organizada com uma diretoria, comissões e tem dois conselhos, de ética e finanças. Existe formalmente desde fevereiro de 2019, e o lançamento oficial foi em 8 de março, na Esquina Democrática. “Mas, na verdade, iniciamos nossa luta antes disso, em outubro de 2018. Desde então, a gente vem pensando em possibilidades de neutralizar e de reverter a situação de perseguição contra professores e escolas, barrando censura e autocensura, pois é isso que tem impedido o direito integral à educação e à pluralidade de ideias no ambiente de ensino/aprendizagem dos nossos filhos.”

A socióloga comenta que chegam até eles inúmeros relatos e casos que fizeram entender a necessidade de registrar, sistematizar e encaminhar as denúncias de assédio e violência contra professores e alunos.

“Sobretudo, as situações envolvendo intimidação e gravação”, além de situações de racismo e homofobia, “agudizadas por esta lógica de ódio, violência e desconfiança que se evidenciaram na sociedade a partir da eleição do presidente da República”.

O jornalista Marcelo Prado, vice-presidente da Associação, aponta que a composição do movimento “é a mais plural possível”, para que as ideias circulem. “Quando nossos filhos se vestiram de preto, se deram as mãos e disseram serem resistência, houve uma reação e espalharam notícias falsas afirmando que eram grupos de marxistas, com sindicalistas infiltrados”, ele recorda. “Um colega do meu filho teve fotos espalhadas dizendo que era um sindicalista, imagina!” E acrescenta: “Nós nos organizamos para proteger nossos filhos dessas exposições e dos ataques”.

A Associação Mães e Pais pela Democracia tem página no Facebook e, apesar do pouco tempo de existência, já ultrapassou 10 mil curtidas. Promove atividades como cafés culturais ao menos uma vez por mês. O passo seguinte foi o lançamento de uma campanha com distribuição de cartazes em todas as instituições de ensino – escolas e universidades – no dia 3 de setembro, na Assembleia Legislativa. No dia 4, às 13h30, no auditório Ipê do Centro Cultural da Ufrgs, ocorrerá o seminário “Silenciamento na educação: da liberdade de expressão à autocensura”. Na Feira do Livro de Porto Alegre neste ano, será lançado um livro de crônicas das mães e dos pais pela democracia.

“Falamos da educação que acreditamos, que deve gerar autonomia e emancipação para que tenhamos cidadãos conscientes dos problemas sociais e capazes de pensar em soluções criativas para questões da sociedade”, assegura Aline. Ela diz que a entidade enfrenta muitas barreiras. “Houve até uma tentativa de denúncia contra nós no Ministério Público por acharem que queríamos doutrinar estudantes. Mas nosso grupo é suprapartidário, temos pessoas da esquerda, da direita e liberais, porém todos defensores da democracia e da liberdade.” A Associação já entrou com diversas ações judiciais por notícias falsas contra membros da comunidade escolar. “Nossa atuação, além de resistente e combativa, é propositiva, pensando nos problemas públicos da educação.”

Diretora de Comunicação do Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior (Adufrgs/Sindical), a professora Sônia Ogiba informa que a entidade vê com preocupação as ações que visam à censura/cerceamento de professores em sala de aula. “Agimos para que os professores tenham o direito de ensinar garantido e, por consequência, os alunos mantenham o direito de aprender. A Educação deve ter como princípios básicos a pluralidade, a diversidade de opiniões. O que aparece em oposição a esses princípios é censura.”

Ela revela que a entidade vem recebendo denúncias desde a definição do processo eleitoral de 2018. “No dia seguinte da eleição, por exemplo, uma professora de Física relatou que alunos filmaram sua aula, o que não é permitido sem a anuência do docente. Imediatamente, pensamos em abrir um canal de denúncias.”

Entidades e procuradores assinam termo de cooperação
“Não vimos nada tão grave assim desde a ditadura”, constata Sônia Ogiba, da Adufrgs/Sindical. Conforme ela, o clima de desconfiança com o professor nunca esteve tão alto. Para fazer frente às pressões sofridas por professores, alunos e pela própria escola, seja pública ou privada, em novembro do ano passado foi criado o Fórum de Combate à Intolerância e ao Discurso de Ódio, idealizado pelo Ministério Público Federal (MPF), sob a liderança do procurador Enrico Rodrigues de Freitas. O Fórum reúne diversas entidades ligadas ao ensino e mesmo fora dele que assinaram um Termo de Cooperação mútuo em agosto. “O objetivo é criar uma rede de resistência e reação a preconceitos de qualquer natureza. Sozinhos, não teríamos a mesma força de ação.”

O Fórum é um canal de denúncias dos casos de intolerância e ódio com foco na garantia dos direitos humanos. “É a Educação, sem dúvida, se relaciona com essa ideia

. O Termo de Cooperação é a materialização dessa rede, e institucionaliza, formaliza o processo de fluxo e responsabilidade sobre as denúncias, explica a diretora da Adufrgs. O MPF recebe a denúncia e toma as providências cabíveis quando um professor, por exemplo, se sente pressionado ou limitado no seu direito de ensinar.

O mesmo acolhimento terá o aluno que se sentir ameaçado no ambiente de aprendizagem. “Recebemos muitos professores oprimidos, censurados, constrangidos, que precisam desse espaço de acolhimento”, diz Cecília Farias, que assinou o Termo pelo Sinpro/RS.

Para o Procurador Regional dos Direitos do Cidadão do MPF, Enrico Rodrigues de Freitas, o Termo de Cooperação é a criação de um canal oficial informal que visa a criar condições para que as entidades de professores e estudantes levem ao MPF “denúncias, informações, notícias de fatos referentes a assédio, constrangimento, violência a professores ligadas à violação da liberdade de aprender e ensinar”. As consequências concretas, segundo ele, “são a apuração devida por quem tem atribuição para tanto até as consequentes sanções. Mas a finalidade primordial é criar um clima de prevenção, mostrar que esse tipo de crime não fica sem consequência e prevenir, para que tenhamos uma normalidade dentro das salas de aula e que se garanta a ampla liberdade de aprender e ensinar”. Freitas é coordenador do Fórum Permanente de Combate à Intolerância e ao Discurso de Ódio, que mantém o Grupo de Trabalho Fórum pela Escola Livre e Democrática, dedicado ao debate sobre o tema educacional frente aos constantes ataques à liberdade de ensinar e aprender. “Estamos garantindo o direito de fala a todos e garantindo o direito e o respeito à diversidade e às diferenças”, define a coordenadora do Centro de Apoio Operacional dos Direitos Humanos, da Saúde e da Proteção Social, do MPRS, Angela Salton Rotunno.

A presidente da Associação dos Juizes pela Democracia (AJD), Valdete Souto Severo, considera essencial a união das entidades para monitorar o que está acontecendo nas escolas e universidades e explicar a todos que esse tipo de censura é passível de punição. Ela defende a realização de um observatório para agir nos casos de censura e violência, inclusive no âmbito judiciário. “Reconhecemos a gravidade do momento atual e é importante que pessoas de diferentes lugares da sociedade mostrem que os professores não estão sozinhos, porque os atingidos não são somente eles ou os alunos, mas toda a sociedade”, conclui.

Autor: Márcia Santos; Jornal Extra Classe, disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/educacao/2019/09/liberdade-para-ensinar-e-aprender/>. 11 de setembro de 2019.



O QUE ESTÁ POR TRÁS DA GUERRA CONTRA A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”

O que leva parte do Brasil a acreditar que uma suposta “ideologia de gênero” represente a grande ameaça à família brasileira e aos currículos escolares? Para responder a essa questão, uma equipe multidisciplinar, formada por jornalistas, cientistas de dados, cientistas sociais e designers, coordenada pela Gênero e Número, organização de mídia orientada por dados com foco nas questões de gênero, decidiu criar o Reino Sagrado da Desinformação, um projeto que reúne pesquisa, análise de redes sociais, semântica e jornalismo de dados, com o objetivo de acompanhar o contexto atual da política brasileira, tendo a questão de gênero como foco central. O site do projeto (www.reinodadesinformacao.com.br) traz reportagens especiais, gráficos e outras visualizações interativas que mostram as conexões entre mídia, igreja e política construídas nos últimos 30 anos no país.

Esse conjunto de trabalhos procura mostrar como se formou o ecossistema político-religioso conservador que criou condições para a propagação pelo país do discurso da chamada “ideologia de gênero”. Para as criadoras do projeto, não há obra divina no governo **Bolsonaro**, mas muita estratégia, semântica e midiática da política e da religião. O processo de disseminação da informação, aponta ainda o projeto, é complexo e sofisticado, envolvendo uma “rede de conexões construída por atores de diferentes campos, na disputa pelo sentido das palavras e na capacidade de midiaticar o discurso”. Entre outras pesquisas, o projeto faz uma análise do discurso em mais de cem perfis de extrema-direita, demonstrando como a educação é o principal tema usado na tentativa de sensibilizar a população contra a “ideologia de gênero”.

Uma reportagem especial de Giulliana Biaconi, jornalista formada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pós-graduada em Política e Relações Internacionais e fundadora da Gênero e Número, mostra como as palavras “mulher”, “criança” e “escola” são as mais citadas entre aquelas que compõem o universo das palavras-chave nos discursos que abordam o tema da “ideologia de gênero”. Segundo Giulliana, a análise de discurso de perfis no Twitter aponta que a narrativa predominante no ataque às questões de gênero passa, primeiramente, pela educação e pela tentativa de definir o papel da mulher na sociedade, sem abordar explicitamente o feminismo, “que pouco aparece no vocabulário conservador dos tuítes”, assinala.

Um dos objetivos centrais desse ativismo conservador nas redes sociais, nas igrejas, nas escolas e em outros espaços é convencer as famílias brasileiras de que as escolas estão ideologizadas com conteúdos de gênero e sexualidade, que seriam apresentados de forma precoce e mesmo pornográfica aos estudantes. Ideias como laicidade, pluralismo e reconhecimento das diferenças são denunciadas como uma ameaça às crenças e aos valores morais e religiosos das famílias. As escolas e os professores sintonizados com a “ideologia de gênero” estariam usurpando dos pais a responsabilidade pela educação moral e sexual de crianças e adolescentes.

A reportagem cita como exemplo dessa militância conservadora nas redes sociais o perfil do procurador da República Ailton Benedito, um dos perfis que mais tuitaram ambos os termos “criança” e “escola” em um período de cinco meses da análise semântica feita pela Gênero e Número no Twitter. Ao todo, foram 82 menções a “crianças” e 11 a “escolas”. “Recorrentemente, ele tuíta também a expressão ‘ideologia de gênero’, acompanhada de termos pejorativos”. Ailton Benedito teve seu nome barrado pelo Ministério Público Federal para ocupar a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP), vinculada ao Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos. Na avaliação do projeto Reino da Desinformação, ele representa a face mais radical do Brasil bolsonarista que decidiu enfrentar o “fantasma da ideologia de gênero”.

A cruzada antigênero a partir do campo da educação tem uma forte ação nos parlamentos também. Desde 2014, parlamentares conservadores vêm apresentando projetos de lei estaduais, municipais e federal baseados na ideia da “Escola sem Partido”. Em janeiro deste ano, 22 deputados federais, a maioria deles do PSL, apresentaram uma nova versão do Programa Escola sem Partido, que, caso aprovado, seria válido para todos os sistemas de ensino do país. O texto prevê, entre outras coisas, a possibilidade de os alunos gravarem as aulas e proíbe quaisquer manifestações políticas nos grêmios estudantis.

O trabalho que vem sendo desenvolvido pelo projeto Reino da Desinformação mostra com riqueza de detalhes a guerra cultural ultraconservadora que está em curso no Brasil, a estratégia e os principais protagonistas desse movimento.

Autor: Marco Weissheimer / Publicado em 23 de setembro de 2019

Artigo: <https://www.extraclasse.org.br/opiniaocolumnistas/2019/09/projeto-expoe-o-que-esta-por-tras-da-guerra-contra-a-ideologia-de-genero/>.

EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM COMA INDUZIDO

Os cortes sistemáticos de recursos no orçamento do MEC, a baixíssima execução orçamentária da pasta até agosto, o *Programa Future-se* e as incertezas com o Fundeb a partir de 2020 estão colocando a educação do Brasil em “coma induzido”. Todas essas medidas, alinhadas com a PEC 95/2016 (que limita o teto dos gastos públicos por 20 anos) e a “barbárie gerencial” na educação com o “novo”, “moderno”, “eficiente”, “eficaz” e “responsável” esfacelarão os sistemas públicos da atividade docente, rebaixarão a formação dos pobres, desqualificarão a atividade docente, reduzirão ao máximo o financiamento, precarizarão as escolas e ampliarão a privatização, conforme prevê Fernando Cássio na apresentação do livro *Educação contra a barbárie* (Boitempo, 2019, 224 p.). O resultado de todo projeto de gestão levará a educação pública a óbito e inviabilizará o direito à educação no Brasil.

O Brasil possui alta demanda educacional, déficit histórico e investe valores muito abaixo por estudante da média internacional. A título de ilustração, o gasto aluno primário nos EUA é US\$ 11,727; na Finlândia é US\$ 9.305; em Portugal é US\$ 7.380; no Chile é 5.064 e no Brasil apenas US\$ 3.762. Portanto, investir apenas 5% do PIB, congelar o teto de gastos (PEC 95/2016); desmontar as políticas de financiamento e apoio estudantil (governo Temer), contingenciar 30% do orçamento das instituições federais em 2019; cortar mais R\$ 6.18 bilhões do MEC e, apresentar a mais baixa execução orçamentária no oitavo mês do ano vigente, configura uma opção política do governo Bolsonaro liquidar a educação e a ciência nacional.

Para o neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis, o “mundo inteiro está pasmo. Revistas internacionais de ciência dedicaram espaços que o Brasil nunca ganha, como por exemplo na *Nature*, para falar do total espanto e choque que é qualquer governo de um país como o nosso tentar criminalizar e afogar as universidades, ao invés de promover, defender e ampliar seus horizontes”. Radicado nos EUA há 31 anos, Nicolelis afirma que o Brasil estava tendo uma ascendência meteórica com os investimentos que foram realizados, tanto pelo Ministério da Educação quanto pelos Ministérios da Saúde e Ciência e Tecnologia. Essa ascendência foi notada em números de publicações, na qualidade das publicações, na qualidade de alunos brasileiros, na penetração dos cientistas brasileiros no mercado internacional de ciência... Isso era tudo muito claro. Era tangível. Você podia medir, ver.

Enquanto inviabiliza a educação e a pesquisa com a mais drástica redução de investimentos, o ministro da educação apresentou o *Programa Future-se*, uma parceria público-privada, através de Organizações Sociais (OS), que está em consulta pública no site do MEC. Para a pesquisadora Cristina Bonorino (UFCSPA), todas as questões elencadas no *Future-se* para arrecadação são reivindicações feitas há décadas. Seria necessário apenas a flexibilização da legislação, principalmente a ementa constitucional 95, que impede tais ações. Porém, alerta a pesquisadora, o mais curioso do programa é que as OS façam a gestão das ações, o que não faz sentido, pois isto hoje já é feito pelas Fundações. O *Future-se* propõe, inclusive, que o governo possa doar imóveis públicos para as OS. Ou seja, não é apenas o desejo da venda total do patrimônio do público apregoada pelo Ministro Guedes, mas agora trata-se de doação do patrimônio pelo Ministro da Educação.

Ao aderir ao Programa *Future-se*, as Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) devem ser comprometer a: (i) utilizar a organização social contratada para o suporte à execução de atividades relacionadas aos eixos de gestão, governança e empreendedorismo; pesquisa e inovação e internacionalização; (ii) adotar as diretrizes de governança que serão futuramente definidas pelo Ministério da Educação e, (iii) adotar programa de integridade, mapeamento e gestão de riscos corporativos, controle interno e auditoria. Para Rui Vicente Opermann, Reitor da Ufrgs, “entregar a universidade para organizações sociais é abrir mão da sua autonomia”. Ele alerta que a questão mais preocupante é o contingenciamento no orçamento atual, visto que “temos um bloqueio de 30% do nosso orçamento e, se não houver a liberação dos recursos, não haverá futuro na universidade. A Ufrgs busca fontes alternativas de financiamento desde sempre. Só no ano de 2018, a instituição captou R\$ 153 milhões em recursos extraorçamentários para a pesquisa, tecnologia e inovação. Isso é mais do que nós recebemos de orçamento para o custeio da universidade. Não se pode falar que não produzimos e não buscamos recursos. Nós buscamos, sim, e a captação de recursos é feita através de projetos de pesquisa e ensino”, ressalta. Outros estudiosos, como Marina Avelar e Salomão Ximenes, consideram que o projeto é vago e pouco transparente, não resolve o problema imediato da falta de verba, acena com recursos incertos e sem liquidez, desresponsabiliza o poder público no financiamento pela solução de problemas econômicos, ameaça ampliar desigualdades entre universidades, cursos e áreas, e não contempla a expansão da rede.

E, para ampliar as incertezas no campo da educação, em 2020, após 12 anos de vigência, encerra-se o Fundeb. Seus *objetivos*, como: manutenção e desenvolvimento da educação básica pública e valorização dos trabalhadores da educação, incluindo remuneração condigna; equiparação de capacidades de financiamento da educação básica e, *seus princípios*, vinculação/alocação de recursos da MDE de estados e municípios à educação básica; (re)distribuição de recursos conforme as responsabilidades e atendimento de cada governo e cooperação intergovernamental estão com os dias contados e sua não renovação desestruturará o financiamento da educação básica.

A atual “barbárie gerencial” do MEC, aliada incondicional com o pensamento e modelo financista/privatista do Ministro da Fazenda Paulo Guedes, aniquilará a educação básica, o ensino superior e a pesquisa no Brasil, passando do “como induzido” para “óbito” em pouco tempo, destruindo sonhos e projetos de futuro de mais de 50 milhões de jovens brasileiros. Ou como sociedade reagimos ou seremos aniquilados.

Encerro como uma reflexão de Theodor W. Adorno pronunciada em 1968, cuja semelhança não é mera coincidência, pois as realidades muito se assemelham:

(...) desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente hoje em dia. (...) Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por (...) um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir (...).

Frente à ignorância vigente e a barbárie no horizonte não se deve temer nem subestimar. É necessário muita sabedoria, inteligência e mobilização da sociedade em defesa da educação e da ciência para termos futuro!

Autor: Gabriel Grabowski / Publicado em 5 de agosto de 2019

Veja o artigo completo em:

<https://www.extraclasse.org.br/educacao/2019/08/educacao-brasileira-em-coma-induzido/>

O Sindicato dos Professores do Norte e Noroeste Fluminense, em comemoração ao Dia do Mestre, realiza:

O DOM DE MOTIVAR NA ARTE DE EDUCAR

Com: Erik Penna

Palestrante Internacional.
MBA em Gestão de Pessoas pela FGV.
Especialização em Administração e Marketing e Gestão Escolar. Autor de 5 livros.

17/10/2019 - 19h

Centro de Convenções da UNIG - Campus V

Informações: 22-3822-0094

Inscrições: www.sinpronnf.com.br - Gratuito - Vagas limitadas!

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



COMPLEXO DE VIRA-LATAS

(Texto editado na revista Manchete esportiva, a 31 de maio de 1958, e republicado em À sombra das chuteiras imortais - crônicas de futebol (organização de Ruy Castro para a Cia. das Letras, São Paulo, 1993). Trata-se da última crônica antes da estréia do Brasil na Copa de 1958, que, como se sabe, foi a primeira vencida pela Seleção brasileira. Nelson mantinha, nesta publicação, uma coluna chamada "Personagem da semana", o que explica o começo do texto.)

Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: - "O Brasil não vai nem se classificar!". E, aqui, eu pergunto: - não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?

Eis a verdade, amigos: - desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo em vão sobre a derrota. Dirse-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse "arrancou" como poderia dizer: - "extraíu" de nós o título como se fosse um dente.

E, hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvidas: - é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: - o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: - se o Brasil vence na Suécia, e volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício.

Mas vejamos: - o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia responder, simplesmente, "não". Mas eis a verdade: - eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: - sou de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante-enxertado Flamengo. Pois bem: - não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Falase num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: - qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: - temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de "complexo de vira-latas". Estou a imaginar o espanto do leitor: - "O que vem a ser isso?". Eu explico.

Por "complexo de vira-latas" entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos "os maiores" é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sar-dento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem

Nelson Rodrigues Complexo de vira-latas

do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.

Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: - para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão.

Autor: Luís Augusto Fischer (UFRGS) & RODRIGUES, Nelson. À sombra das chuteiras imortais. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p.5152: Complexo de vira-latas.

Veja o artigo completo em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/rodrigues03/rodrigues3.pdf>

